

Hamlet:  
Ser ou não ser?  
Só Freud  
explica

CPMTRATP M° 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



## O Poeta da Vila

Sessenta anos  
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,  
duzentos anos  
de  
história de  
Goiás

Entrevista:  
José Godoy  
Garcia, 50 anos  
de literatura

QUEM TEM MEDO DO

# DIABO MODERNISTA?

*Os vícios do gênero humano, vistos sob o microscópio de Dioclécio, nos fazem refletir sobre as mazelas com as quais convivemos cotidianamente, e que, infelizmente, já não nos causam espanto.*

*É quando entra a figura mitológica do diabo, amodernado: ele está entre nós...*



□ **Aglaia Souza**

**D**ioclécio Luz, depois de nos apresentar o **Roteiro mágico de Brasília**, já com seu terceiro volume em fase de conclusão, mostra que é ficcionista, e dos bons. Neste seu primeiro livro de contos, **O diabo modernista**, consegue prender a nossa atenção da primeira ("O fim do mundo") à última narrativa ("Paixões, fantasmas"): afirma-se, indubitavelmente, como um contista de primeira água.

Alia regionalismo (tanto nos temas quanto na recriação da fala) a universalismo, ao descrever-nos o interior deste nosso imenso país, bem como os sentimentos inerentes a todo ser humano, com uma linguagem ao mesmo tempo poética e realista. Mesmo quando cria o absurdo, continua tremendamente ligado à realidade. Os latinos diziam que é rindo que se muda a sociedade. O escritor, quando ridiculariza um fato, está denunciando uma situação viciosa. E aí Dioclécio Luz atua como cronista de sua época, no sentido mais profundo do vocábulo. Machado de Assis criticou seu tempo, através de contos, como Rubem Braga o fez na crônica jornalística, diária, plena de poesia. Dioclécio Luz é mais do que o jornalista que narra um acontecimento: ele o recria, entra na história e a reescreve, como protagonista e até mesmo como agente, mudando o rumo, inventando um novo final, quanto mais inverossímil, mais próximo da realidade, pois a caricatu-



ra nada mais é do que a exacerbação dos defeitos. Os vícios do gênero humano, vistos sob o microscópio de Dioclécio, nos fazem refletir sobre as mazelas com as quais convivemos cotidianamente, e que, infelizmente, já não nos causam espanto. É quando entra a figura mitológica do diabo, amodernado: ele está entre nós, bem vestido, perfumado, bem falante, rindo de toda a miséria em que estamos atolados. Daí depreende-se que o título foi muito bem escolhido: o diabo passeia por todo o livro, resultando em uma perfeita unidade temática.

A identificação que se tem, ao ler esta obra corajosa e atual (apesar do preconceito com o tema proposto por Dioclécio), parte do próprio significado da palavra Satanás, cuja raiz remonta ao hebraico, e pode ser traduzida como o adversário, o inimigo que cada ser carrega dentro de si, a sua metade maligna, representação da dualidade humana.

Entretanto, outro nome comumente a ele aplicado, Demônio, do grego **daimónion**, tem o sentido de espírito familiar, o gênio inspirador que presi-

de o destino de cada indivíduo. Venerado em todo lar da Grécia antiga, encontra paralelo, no interior do Brasil, com a Família, ou Familiar, diabinho criado dentro de uma garrafa.

Lúcifer, outra denominação que encontramos, do latim, é o portador da luz, ou, ainda, a estrela da manhã, o planeta Vênus (representação da deusa do Amor) dos antigos romanos; o próprio ser humano, o anjo caído, em busca da Luz.

Por fim, chegamos à palavra utilizada pelo autor: Diabo (do latim **diabolus**), que é o chefe dos demônios; termo católico, criado a partir da Idade Média, para afastar os fiéis dos ritos pagãos, que proliferavam por toda a Europa.

Mas, voltando ao nosso diabo, o do livro, o moderno, aparece em quase todos os contos, desde "Encontro com o Diabo" até o conto título; poderíamos incluir "O fim do mundo", que

conta a invasão das cidades pequenas pela televisão; "O caso do sumitério...", povoado de assombração; "Olhos de passarinho", com um personagem demoníaco; "Eu que não morro", história de um homem que não consegue morrer; "A perna podre de meu pai", cheio de velório do princípio ao fim (aliás, é uma cena que se repete por todo o volume: velam-se desde pernas, braços, a "O grande bosta"). Em "Ele entre nós", duas mulheres conversam sobre um amante em comum, falecido; "As formigas de Tzaren-Kan" narra a morte de um planeta; "Paixões, fantasmas" nos diz da aparição da ex-namorada do narrador; "Vó Margarida" começa com a protagonista se lembrando do finado marido; em "A mulher lá fora" não se sabe quem é real ou quem é o fantasma, o sonhado; por fim, "A última vez que pude ver a luz do sol ..." descreve um encontro transcendental: "Atravessou lentamente a avenida e parou diante de mim e eu pensei: 'agora ela vai me comer'. Senti que o bairro inteiro, a lua e o tempo paravam com ela", no qual o poeta se revela inteiro. Sim, Dioclécio Luz, detrás da capa de modernista, usando a figura do diabo para afugentar as pessoas, não esconde uma alma romântica, e um excelente contador de "causos".

A Fundação Cultural do Distrito Federal acertou quando, em 1990, premiou **O diabo modernista**, no Concurso Literário daquele ano.

Sob a influência de Gabriel García Marquez, Ray Bradbury, Isaac Asimov, entre outros, surge um escritor que precisa ser conhecido por todos os brasileiros.

Então, vencido o natural temor que alguns têm dessa palavra, exorcizando o medo que foi incutido, na cultura ocidental, durante tantos séculos, sentemo-nos diante deste Diabo modernista e conheçamos a riqueza do contista Dioclécio Luz.

**Aglaia Souza** é poetisa, contista e cronista.